

Bancos emprestam mais a comerciantes

Apesar dos juros que não caem, recorrer ao crédito bancário foi um bom negócio para os comerciantes do Centro-Oeste. Segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV) foram eles os que mais tomaram dinheiro emprestado para a formação de capital de giro — e, ainda assim, apresentaram a maior estabilidade regional em face da recessão e da aceleração inflacionária. Isso, ao final de uma pesquisa nacional levada a cabo pela FGV e pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

A sondagem atesta que 16 por cento dos comerciantes do Centro-Oeste recorreram a empréstimos bancários; que 80 por cento deles não pensam em demitir trabalhadores; que 44 por cento

apostam vender neste verão, no mínimo a mesma coisa que venderam em novembro e dezembro do ano passado — e que 71 por cento dos entrevistados vão manter o mesmo nível de encomendas junto aos fornecedores. A má notícia da pesquisa é para os consumidores: 71 por cento dos comerciantes contatados, afirmaram que aumentariam os seus preços bem acima do normal. Os dados são de outubro a dezembro de 1992.

Esta foi a primeira sondagem conjuntural da indústria de transformação feita a quatro mãos pelo Sebrae e pela FGV. Ela se repetirá de três em três meses, até a última, em outubro, junto às micro e pequenas empresas do País. A cada pesquisa, os empresários

informam sobre a produção, demanda (interna e externa), mão-de-obra empregada, estoque de produtos fabricados, grau médio de utilização de equipamentos e, ainda, as limitações impostas à expansão da produção no período, além de anteciparem as tendências da indústria para o trimestre a seguir.

Em nível global, diz a pesquisa que aumentou drasticamente a escassez de capital de giro, um dado que influiu consideravelmente no processo de expansão da produção fabril. Com pouco dinheiro em caixa, as micro e pequenas empresas produzem abaixo do que poderiam, e 33 por cento do mercado atribuíram a essa escassez a retração de sua produção.